

# Filme “O Pátio da Saudade” bate recordes de bilheteira

written by António Ferro | 24 de Agosto, 2025



Nos últimos anos, houve uma transfiguração e mutação, no paradigma do cinema português. O cinema deixou de ser hipérbólico e desmedido ao nível intelectual, onde o “acúmulo” é a “Branca de Neve” de João de César Monteiro.

Na altura exercia o cargo de diretor artístico do Coliseu do Porto e pedia ao Celestino (bilheteiro), para me informar dos términos das sessões no Passos Manuel, pois queria visionar quem tinham sido os heróis que conseguiram ficar até ao final do filme. E por outro lado, tentar ouvir os comentários hilariantes que eram proferidos...

Faz-me um pouco lembrar o que sucedeu com as programações culturais dos cine-teatros em Portugal...Com a estúpida mania, de apresentarem uma programação lapidar, aprimorada e introspectiva, muito pouco acessível ao grande público, afastaram o público das salas de espetáculos...

Concordo terminantemente e irrestritamente com o Lá Féria, quando se refere às bilheteiras! A dependência do “subsídio” no teatro, retirou completamente a preocupação com o resultado da bilheteira...Se já temos o “nosso” garantido, tanto nos dá que esteja a sala cheia, como com meia dúzia de “intelectivos” em que a sua ida às salas de espetáculo, tem como único intento e escopo, o serem visionados!

No tempo em que o Fernando Gomes, assumiu a presidência da câmara do Porto, ligava-me sempre que havia ópera no Coliseu do Porto. Ele não era apreciador de ópera e assim com a minha informação, entrava no coliseu dez a quinze minutos antes da récita terminar e depois com o seu ar ufano e esnobe, descia as escadas, abjugando opiniões de algo que na verdade, não tinha augurado nem visionado...

### **Bem voltemos ao Pátio da Saudade...**

Vanessa (Sara Matos) recebe a notícia da morte de uma tia afastada, que lhe deixou em testamento um velho teatro dos tempos de glória da Revista à Portuguesa. Tozé

Leal (José Pedro Vasconcelos), o seu agente, tenta por todos os meios, convencê-la a vender o edifício em ruínas, mas Vanessa sente o apelo dos tempos áureos do velho teatro e convence os seus amigos, Joana (Ana Guiomar) e Ribeiro (Manuel Marques), a montarem um espetáculo para recuperar a antiga glória do teatro.

E o devaneio e a quimera, não serão fáceis de concretizar: Armando (José Raposo), proprietário de um teatro vizinho, faz tudo para impedir Vanessa. Um pouco exaurida e extenuada da rotina televisiva, fica cativada e aprazerada, com a recuperação do antigo teatro.

O realizador Leonel Vieira, autor dos remakes dos filmes “O Pátio das Cantigas” e do “Leão da Estrela”, já anteriormente mencionados, juntou-se a Aldo Lima, Alexandre Rodrigues e Manuel Prates, para escreverem em conjunto o argumento.

O elenco de **O Pátio da Saudade** conta com nomes como; **Ana Guiomar, Manuel Marques, José Pedro Vasconcelos, José Raposo, Gilmário Vemba, José Martins, Alexandra Lencastre, José Pedro Gomes, Aldo Lima e Carlos Cunha**. Do Porto, vieram os “senhores do dinheiro”, empresários de nomeada, aqui representados por **Óscar Branco e Fernando Rocha** (talvez a primeira vez que da sua boca não são proferidos palavrões...).

**O Pátio da Saudade, de Leonel Vieira**, registou 15 mil espetadores em quatro dias de exibição, o que o tornou no **filme português mais visto do ano até agora!**

*“Depois de O Pátio das Cantigas’– o filme português mais visto de sempre nos cinemas –, Leonel Vieira regressa ao grande ecrã com uma nova comédia que celebra a tradição e a identidade nacional”.*

Este filme, no meu entender, tem por principal foco, mostrar uma certa e necessária **revitalização do teatro de revista** (musiquei a revista “O Estádio da Nação” de Óscar Branco, José Raposo e Maria João Abreu), da necessidade de chamar o público ao teatro, num mundo onde a oferta cultural é descomedida e superabundante. Quando vivi em Berlim e olhava para a oferta cultural diária, teria que viver várias vidas para poder estar presente em pelo menos, metade delas...

Segundo palavras de José Raposo, ***“Um filme do Leonel Vieira em que gostei mesmo de participar! O riso e a revista à portuguesa são aqui tratados e elevados sem vergonhas nem preconceitos “à portuguesa”! Sabem, há muito que estou doido para voltar a fazer revista, apesar de no meu meio acharem que isso é de um tipo que é “menor” como artista! Quero lá saber do que dizem, aliás perdoo-lhes porque não sabem o que dizem...”***